

## NOTAS DE LEITURA

---

Paulo Silveira

A apresentação de uma  
identidade consolidada em  
*100 anos de artes plásticas*  
no Instituto de Artes da  
UFRGS: três ensaios



**Figura 1.** Jurados do I Salão de Belas-Artes do Rio Grande do Sul, 1939: da esquerda para a direita, Luiz Maristany de Trias, Emani Dias Correa e João Fahrion

Como qualquer núcleo urbano, a cidade de Porto Alegre tem satisfação de enaltecer seus estabelecimentos públicos ou particulares que são motivo de orgulho, sobretudo os que permanecem teimosamente resilientes às contingências de sua condição. Dessas instituições, merecem especial atenção as que integram o que poderíamos considerar uma linha de frente que promove, simultaneamente, a participação na construção da identidade local e o esforço de inclusão do trabalho de seus agentes na motricidade do sistema cultural brasileiro. E se ainda houver o oferecimento organizado, multiplicador e bem-sucedido de conhecimentos e capacitação, melhor.

Entre os principais endereços de convergência do carinho de intelectuais e criadores de sua região está o Instituto de Artes. Para os saudosos mais antigos, mais ciosos de suas lembranças do que atentos à modernização das designações, continua sendo o Instituto de Belas-Artes, a referência mais importante para o ensino de graduação e pós-graduação em música, artes dramáticas e artes visuais no Rio Grande do Sul. E com um rosto: curiosamente, seu edifício principal, o envelhecido “prédio do Belas-Artes”, tornou-se um símbolo cotidiano para os passantes que o conhecem. Muitos acreditam que no seu aspecto

marcado pelo tempo possa ser percebida a imagem definitiva de sua certidão de nascimento. Não é assim. Trata-se de uma assunção simbólica. Ele é ainda mais antigo do que aparenta. É forçoso perscrutar o organismo.

A administração e a maior parte das atividades estão alocadas na edificação principal do Instituto de Artes, uma instituição centenária, criada em 1908. Sua sede administrativa é constituída por um edifício concluído nos inícios dos anos 1940 que hoje faz parte da memória urbana. Possui piso térreo e mais oito andares, estando situado próximo à extremidade leste do centro de Porto Alegre (região que, junto com suas adjacências, ainda preserva algumas edificações importantes na história da cidade). O prédio está imbricado entre outras construções mais ou menos da mesma época, apertadas em uma via em ladeira moderadamente estreita, a Rua Senhor dos Passos. Por causa de sua especial situação urbana e graças à busca de soluções inovadoras para o período, um grupo dos professores ligados ao curso de Arquitetura (até 1950 implantado no então denominado Instituto de Belas Artes, e que ainda seria sede do primeiro curso de Urbanismo do Brasil) concebeu o edifício com traçado vertical, em concepção adequada a sua época, não passadista, com fachada retilínea de inspiração modernista. O bloco principal foi construído entre 1941 e 1943 e sua complementação entre 1952 e 1953 (a construção de ateliês com farta iluminação natural e a ampliação da Pinacoteca). Mesmo sendo compacto, juntamente com o pequeno prédio anexo, adquirido nos anos 1960, pode ser considerado como o conjunto construtivo mais importante do entorno, possuindo evidente valor simbólico. A escola buscou responder à expectativa de ser constituída no pós-guerra como uma “universidade das artes”. Um levantamento detalhado dessas origens pode ser encontrado no Arquivo Histórico do Instituto de Artes (localizado em outro endereço, no Campus Centro) ou na tese *Origens do Instituto de Artes da UFRGS: etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema de artes visuais do Rio Grande do Sul*, de autoria de Círio Simon, ex-professor e ex-diretor do Instituto (para o Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002). Apesar dessa tese, apesar de diversas publicações ao longo de décadas, apesar de registros diversos, faltava ainda uma publicação abrangente e com maior capacidade de distribuição. Sobretudo que trouxesse uma quantidade maior de ilustrações da produção de artistas ligados direta ou indiretamente ao Instituto e sua história. Necessidade premente, já que é impossível o estudo da arte do extremo sul do país sem ao mesmo tempo compreender o papel e a relevância de sua presença sem par na região. Seu destaque singular inclui até mesmo a confrontação entre discursos laudatórios versus acusações de “conservadorismo do ambiente acadêmico”, por vezes proferidas maliciosamente por ressentimentos diversos e denegações, com intensidade



Figura 2. Fernando Corona, logomarca do Instituto de Belas-Artes, 1958 (cinquentenário do IBA)

variável dependendo do período. Mas ninguém duvida: o IA – como é chamado carinhosamente por alunos, professores e técnicos – é indispensável à qualificação das artes no Estado.

A parcela da comunidade interessada nas artes visuais está sendo muito bem atendida pelo Programa Centenário do Instituto de Artes. O público específico encontrará informações importantes no volume comemorativo *100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios*, publicado pela Editora da UFRGS em 2012 (264 páginas, ISBN 978-85-386-180-7), com textos



**Figura 3.** Capa e volume aberto de *100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS*, 2012

dos professores Blanca Brites, Icleia Borsa Cattani, Maria Amélia Bulhões e Paulo Gomes. Abre o livro o capítulo “Academismo e Modernismo: possíveis diálogos”, de Gomes. São apresentados o academismo e o regionalismo no Rio Grande do Sul (meados do século XIX e início do XX), os professores e alunos, a constituição das atividades de ensino, as teses de cátedra (a partir do final dos anos 1930, para ingresso do professor na então Universidade de Porto Alegre, “dando ao ensino da arte um aspecto erudito que, até então, não era considerado”, p. 57) e outros aspectos relevantes, às vezes, pitorescos, sem descuidar do olhar crítico.

O que podemos notar é que a instituição não teve, pelo menos até o final dos anos 1950, qualquer projeto de gestão cooperativada, mantendo uma estrutura hierárquica rígida e fortemente articulada. Se isso não permitiu um avanço efetivo em termos de um pensamento libertário, no sentido de propor uma escola de artes que estimulasse a livre manifestação das individualidades, ao menos permitiu, graças, certamente, ao se rigor, sua consolidação e permanência nos momentos mais graves de sua trajetória, como sua anexação à Universidade de Porto Alegre e, logo após, o seu afastamento daquela estrutura. (p. 72).

No capítulo “Apontamentos sobre construções visuais”, Brites busca apontar a função do IA como “mobilizador de potências criativas” na “formação e na legitimação da produção plástica” no Estado. A autora relembra o Salão

Pan-Americano de 1958, com seu contexto histórico (e do Instituto), estabelece comparação entre artistas e situações, chegando até a apresentação do Salão de Artes Visuais da UFRGS, com quatro edições na década de 1970.

Mantendo os mesmos princípios (comissão de seleção, exposição pública dos selecionados e atribuição de prêmios), esses salões não só mostraram a produção artística da época, mas, sobretudo, ao retratarem as diversas faces da mais antiga instituição de ensino da arte no Estado, funcionaram como termômetros daquele período. (p. 116).

Cattani e Bulhões dividem a autoria de “Experiências de ruptura nas artes visuais”, em que procuram elaborar um panorama abrangente dos anos recentes. Também aqui o modelo de abordagem tem como base a enumeração de artistas, seus círculos e contribuições em relação ao sistema ao qual pertencem, porém agora se aproximando cada vez mais de comprometimentos com o avançar das linguagens. Sem dúvida o grande destaque é o reconhecimento pelas autoras da importância profunda da criação do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, com o qual mantêm vínculo profissional. De fato, no incremento da formação artística contemporânea do Estado talvez nada se compare com o avançar da qualidade teórica e plástica proporcionada por professores e egressos do PPGAV, cioso das relações com outros programas nacionais e em uma postura constante de atenção às possibilidades acadêmicas internacionais. Trata-se de uma situação com matizes diferentes da que a precedeu, em que o não tradicional era exceção.

Aqui a modernidade, que, como se afirmou anteriormente, chegou tardiamente, já filtrada e neutralizada por um mercado e um público consumidor que buscavam os modelos mais tradicionais de expressão, sofreria mudanças mais significativas a partir dos anos 1980. A atualização com os movimentos internacionais contemporâneos a partir daquela década foi acompanhada de significativas alterações no sistema da arte local, oriundas, na sua maioria, do próprio Instituto de Artes. (p. 122).

Ao final o livro ainda oferece uma bem-vinda cronologia do Instituto, elaborada por Gomes, cobrindo de 1908 a 2010, ano de implantação do Bacharelado em História da Arte que, junto dos já estabelecidos cursos de bacharelado e licenciatura em Artes Visuais, iria completar a plena ocupação das salas de aula do IA nos três turnos. Associada à cronologia, é apresentada a lista dos professores do Departamento de Artes Visuais (ou do setor que o precedeu), também de 1908 a 2010, com ingresso e saída. O trabalho editorial é finalmente completado com a versão em inglês dos ensaios.

O volume, mais que bem-vindo, teve ampla aceitação em sua apresentação no início do ano letivo de 2013. Possui formato horizontal (24 x 20 cm), com

organização do material muito boa, clara, equilibrada pela editoração segura de Mário Röhnelt. A programação visual mantém a sobriedade, com equilíbrio entre o conteúdo textual e as muitas imagens. E são realmente muitas, mais de 150, todas coloridas, exceto fotos documentais históricas, incluindo cenas de alguns eventos. A produção plástica da maioria dos artistas professores está representada. Infelizmente não de todos, mas o que falta poderá ser futuramente completado, em uma eventual segunda edição. A produção editorial do Instituto de Artes tem sido contínua e novas publicações virão, na esteira do cotidiano do início deste segundo centenário.

## REFERÊNCIA

BRITES, Blanca; CATTANI, Icleia Borsa; BULHÕES, Maria Amélia; GOMES, Paulo. *100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

---

### **Paulo Antonio de Menezes Pereira da Silveira**

Professor no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), e da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP).